

Amor e Ódio

(Marcos 14:1–26)

Joe Schubert

O décimo quarto capítulo de Marcos engloba dois acontecimentos e dois temas lado a lado que criam um acirrado contraste. Tal qual um artista, Marcos desenha duas linhas de verdade, uma linha tratando do amor e uma linha paralela tratando do ódio. Ele entrelaça os dois temas lado a lado por todo o capítulo.

O ódio dos principais sacerdotes por Jesus é seguido imediatamente pela história do amável ato de Maria de Betânia, quando esta ungiu a cabeça de Jesus com o precioso perfume. O crescente ódio de Judas que culminou na sua traição contra Jesus é seguido pela história do amor de Jesus pelos apóstolos, demonstrado na última ceia. Amor e ódio, ódio e amor — dois paralelos que se contrastam!

ÓDIO: OS PRINCIPAIS SACERDOTES E OS ESCRIBAS (14:1, 2)

Em primeiro lugar, vemos o ódio dos principais sacerdotes e professores da Lei por Jesus. Os versículos 1 e 2 dizem:

Dali a dois dias, era a Páscoa e a Festa dos Pães Asmos; e os principais sacerdotes e os escribas procuravam como o prenderiam, à traição, e o matariam. Pois diziam: Não durante a festa, para que não haja tumulto entre o povo.

Os principais sacerdotes estavam cientes de que o tempo para acertarem as contas com Jesus estava ficando mais curto. Sabiam que tinham de agir imediatamente, se quisessem mesmo agir. Os dias da festa da Páscoa estavam próximos. O historiador do primeiro século, Josefo, disse que a Páscoa levava a Jerusalém três milhões de pessoas vindas de toda a terra. Os principais sacerdotes não queriam uma execução pública de Jesus durante a semana de Páscoa devido à Sua popularidade. Sabiam que prender Jesus no auge da festa poderia facilmente incitar uma

revolta. Marcos diz que só faltavam dois dias para a Páscoa realmente começar. Por isso, havia uma forte urgência por trás da ameaça dos principais sacerdotes e escribas. Esta é uma característica comum do ódio. O ódio nunca pode esperar. Ele precisa agarrar a primeira oportunidade de realizar sua obra maligna. Os principais sacerdotes e professores da Lei odiavam Jesus por que o Seu ensino e o Seu estilo de vida os condenavam. Eles fingiam ser homens de Deus, mas Jesus constantemente os expunha mostrando o tipo de hipócritas que eles na verdade eram. Não sabiam como lidar com Jesus, a não ser destruindo-O.

AMOR: MARIA (14:3–9)

Num contraste acirrado, Marcos relata a seguir um incidente que se passou em Betânia, fora de Jerusalém. A pungência desta história reside no fato de que ela nos fala de um dos últimos e mais bondosos atos praticados para com Jesus. No versículo 3, Marcos diz: “Estando ele em Betânia, reclinado à mesa, em casa de Simão, o leproso, veio uma mulher...” Marcos não diz o nome da mulher, mas o relato paralelo no Evangelho de João diz que era Maria, irmã de Marta e Lázaro, os amigos mais íntimos de Jesus que moravam em Betânia. O registro bíblico diz:

...veio uma mulher trazendo um vaso de alabastro com preciosíssimo perfume de nardo puro; e, quebrando o alabastro, derramou o bálsamo sobre a cabeça de Jesus. Indignaram-se alguns entre si e diziam: Para que este desperdício de bálsamo? Porque este perfume poderia ser vendido por mais de trezentos denários e dar-se aos pobres. E murmuravam contra ela. Mas Jesus disse: Deixai-a; por que a molestais? Ela praticou boa ação para comigo. Porque os pobres, sempre os tendes convosco e, quando quiserdes, podeis fazer-lhes bem, mas a mim

nem sempre me tendes. Ela fez o que pôde: antecipou-se a ungir-me para a sepultura. Em verdade vos digo: onde for pregado em todo o mundo o evangelho, será também contado o que ela fez, para memória sua (vv. 3-9).

Marcos diz que o encontro ocorreu na casa de Simão, o leproso. Nada mais sabemos a respeito desse Simão, mas tudo indica que ele era um dos leprosos curados por Jesus e o chamavam de Simão, o leproso, para distingui-lo de outros Simões, já que este era um nome muito comum na Palestina do primeiro século. É provável que Simão, o leproso, tenha oferecido essa refeição em homenagem ao Senhor. Jesus, os apóstolos e alguns outros amigos como Maria, Marta e, certamente, Lázaro, amigos de Ele da cidade de Betânia, também estavam ali.

Tentemos visualizar o que realmente aconteceu nessa ocasião. Maria entrou lentamente na sala em que Jesus estava. Os olhos dela estavam enfocados nas próprias mãos que seguravam um belo vaso de alabastro com um perfume precioso e caríssimo. Ela segurava aquilo com todo cuidado, o que indica o valor e preciosidade do perfume. Maria caminhou diretamente para onde Jesus estava e ajoelhou-se ao lado de Ele. Provavelmente, após um momento de indecisão, num ímpeto irresistível de energia, ela quebrou o estreito pescoço do vaso de alabastro e derramou todo o conteúdo na cabeça de Jesus. Os demais convidados assistiam a tudo, fascinados com os movimentos dela. Houve reações diversas entre eles. Alguns olharam para aquilo com terna simpatia; alguns olharam com total admiração e surpresa; outros olharam com desgosto. Judas foi o porta-voz desse último grupo. Seu temperamento de pavio curto inflamou-se pelo que ele julgou ser um ato excessivo de extravagância. Ele falou de modo silábico. Imaginemos o que realmente estava por trás das palavras que ele disse. “Para que este desperdício de bálsamo? Porque este perfume poderia ser vendido por mais de trezentos denários e dar-se aos pobres”, disse ele. Imediatamente, o ânimo de todo o grupo mudou. Outros que estavam presentes aderiram à indignação e também protestaram: “Por quê? É, por quê?”

Essa reação era completamente característica do que sabemos a respeito de Judas. A tendência dele era se preocupar somente com o desperdício de dinheiro. João nos conta que Judas era um ladrão. Ele era o tesoureiro do grupo de apóstolos e tornou-se ladrão enquanto desempenhava

essa função. Ele era bom na administração do dinheiro, mas ele também era desonesto.

Sempre existem pessoas que tentam atribuir um valor monetário a tudo. São pessoas que parecem saber o preço de tudo e o valor de nada. Jesus contou essa história em Marcos 14 para nos mostrar como é grave assumir esse tipo de atitude para com a vida e como interpretamos mal a vida quando avaliamos o mundo em termos de dinheiro.

O Senhor pegou esse belo incidente e nos mostrou o verdadeiro valor dele. Ele disse cinco verdades sobre o ato de Maria que o destacam como um ato extremamente valioso.

Em primeiro lugar, Jesus disse: “Ela fez algo lindo para mim”. A beleza do ato de Maria reside em sua extravagância. Maria não desperdiçou nenhuma gota daquele perfume. Ela quebrou o pescoço da garrafinha, impossibilitando que esta fosse reutilizada novamente, e derramou todo o conteúdo na cabeça de Jesus. Era um perfume caríssimo. Judas, em sua mente calculista como um computador, estimou que o valor do perfume naquela garrafa era de trezentos denários, ou, como traduzem algumas versões, o equivalente ao salário de um ano inteiro de um trabalhador comum¹. Quando Maria derramou todo o conteúdo em Jesus, Judas disse: “Que desperdício! Você jogou fora uma quantia enorme de dinheiro derramando todo esse perfume em Jesus”. Jesus, porém, disse: “Isso é lindo. Ela não guardou nada para si. Derramou tudo em mim”. Foi um ato profuso, mas nessa profusão havia beleza.

Em segundo lugar, Jesus disse que Maria fez algo oportuno. “Era algo que só poderia ser feito agora”, disse Ele. “Vocês podem fazer o bem aos pobres a qualquer hora que quiserem. É certo ajudar os pobres. Mas há oportunidades que surgem na vida que precisam ser aproveitadas no momento porque podem não acontecer de novo”, completou Jesus. Maria foi sensível a isso. Ela sabia que tinha de aproveitar aquele momento para fazer o que só poderia ser feito ali. O seu coração foi sensível o bastante para reconhecer que aquele era o momento certo.

Algumas oportunidades surgem para nós uma só vez. Pode ser um ato muito simples como

¹N. da Trad.: O cálculo atualizado desse montante variaria de acordo com a realidade sócio-econômica de cada país ou região. Para efeito de estimativa, calcule doze salários de um operário comum da sua região.

escrever uma carta para agradecer a um amigo ou o impulso de dizer a alguém: “Eu te amo”. A tragédia é que esse tipo de impulso quase sempre é abafado assim que nasce. Este mundo seria muito mais amoroso se mais pessoas como Maria, que agiu pelo impulso do amor porque sentiu no coração que se não fizesse aquilo naquele momento, não o faria depois. Como essa bondade impulsiva e extravagante deve ter animado o coração de Jesus.

Em terceiro lugar, Maria fez o que era exequível. Jesus disse: “Ela fez o que pôde”. Não havia nada mais que ela pudesse fazer para expressar seu amor, por isso, ela fez o que pôde. O Senhor nos chamou a atenção para esse feito porque ele é tão praticável para nós. Alguém disse:

Sou apenas um,
mas sou um.
Não posso fazer tudo,
mas posso fazer alguma coisa.
O que posso fazer
devo fazer.
O que devo fazer
farei, com a ajuda de Deus.

Você não pode alimentar todos os pobres do mundo, mas pode alimentar um ou dois. Você não pode animar todos os corações solitários, mas pode falar com um ou dois. Maria fez o que pôde. Isto é tudo o que Deus nos pede. Talvez você pense que vive uma vida enfadonha, sem oportunidades para realmente servir, mas você tem essas oportunidades. Você pode fazer alguma coisa hoje com a expectativa de que Deus cuidará do restante, agirá e multiplicará o seu feito em resultados tremendamente maiores.

O quarto elemento da atitude de Maria foi que ele foi criterioso. O Senhor disse no versículo 8: “Ela fez o que pôde: antecipou-se a ungir-me para a sepultura”. É interessante ler os Evangelhos observando quantas vezes Jesus disse que iria morrer. Vez após vez Ele repetiu: “Estou indo para a morte”. Os apóstolos não creram nisso. Eles nem queriam ouvir Jesus falar disso. Queriam afastar esse pensamento de suas mentes. Ninguém acreditou na morte de Jesus, *exceto aquela mulher!* Ela creu em Jesus, e ela fez o que fez com o intuito de prepará-lo para essa morte. Ela creu e entendeu que Ele estava ali para exatamente aquele propósito. Essa verdade foi o que a motivou. Uma vez que, mais tarde, ela não teria a oportunidade de encontrar o corpo de

Jesus após a Sua morte e ungi-lo conforme o costume dos judeus para o sepultamento, ela o fez mais cedo, “antecipadamente”, como disse Jesus. Aquela era a única oportunidade que ela teria. Que conforto aquilo deve ter proporcionado a Jesus. Dentre todos os amigos que O cercavam naquela ocasião, só essa mulher teve a sensibilidade de coração para entender o que estava se passando. Nada é mais consolador para nós do que sermos compreendidos naquilo que estamos tentando fazer. Nada é mais desanimador para nós do que não sermos compreendidos naquilo que estamos tentando fazer. Como Maria deve ter servido bem a Jesus através desse ato de compreensão.

Em sexto lugar, o que ela fez foi memorável. Jesus disse no versículo 9: “Em verdade vos digo: onde for pregado em todo o mundo o evangelho, será também contado o que ela fez, para memória sua”. Hoje, dois mil anos depois, estamos cumprindo essas mesmas palavras ao falarmos do ato amoroso de Maria de Betânia, quando ela ungiu a cabeça do nosso Senhor.

ÓDIO: JUDAS (14:10, 11)

Consistente com o seu enredo, e em total contraste com esta bela história de amor, Marcos volta-se para o ódio de Judas. Ele coloca lado a lado a história do ato amoroso de Maria e a história da traição de Judas. O ato de amor generoso é seguido por um ato de terrível deslealdade. Nos versículos 10 e 11, o evangelista diz:

E Judas Iscariotes, um dos doze, foi ter com os principais sacerdotes, para lhes entregar Jesus. Eles, ouvindo-o, alegraram-se e lhe prometeram dinheiro; nesse meio tempo, buscava ele uma boa ocasião para o entregar.

Este é um dos trechos mais tristes da história de Judas Iscariotes, o momento em que ele foi até os principais sacerdotes com a intenção deliberada de trair o Senhor. Alguns eruditos da Bíblia tentam justificar Judas dizendo que ele simplesmente estava enganado. Dizem que Judas, assim como alguns outros apóstolos, ainda esperava um reino e um Messias terrenos e que ele foi até os principais sacerdotes para fazer nada mais do que adiantar a agenda de Jesus, forçando-O a efetivar o estabelecimento do reino terreno, o qual Judas acreditava estar

próximo. Mas esse tipo de explicação não se encaixa com o texto bíblico. Marcos e os outros escritores evangelistas dizem que Judas foi deliberadamente atrás dos principais sacerdotes com a intenção de trair Jesus. Ele fez isto por cobiça. Mateus nos diz que Judas foi às autoridades e até perguntou-lhes quanto pagariam para ter Jesus em suas mãos. Ele negociou com eles e chegou ao preço de trinta moedas de prata. João nos diz que Judas era o tesoureiro do grupo dos apóstolos e se habituara a roubar da bolsa coletiva. Ao explicar o comportamento de Judas, tanto João como Lucas afirmam que ele agiu como agiu porque o diabo havia entrado nele. Isto, obviamente, em última análise, é exatamente o que aconteceu.

AMOR: A CEIA (14:12)

Em contraste com isto, Marcos nos transporta agora para mais uma linha de amor. Nesta seção ele nos mostra o amor de Cristo quando Ele realiza a última ceia com os apóstolos. Nos versículos 12 a 16, ele diz:

E, no primeiro dia da Festa dos Pães Asmos, quando se fazia o sacrifício do cordeiro pascal, disseram-lhe seus discípulos: Onde queres que vamos fazer os preparativos para comeres a Páscoa? Então, enviou dois dos seus discípulos, dizendo-lhes: Ide à cidade, e vos sairá ao encontro um homem trazendo um cântaro de água; segui-o e dizei ao dono da casa onde ele entrar que o Mestre pergunta: Onde é o meu aposento no qual hei de comer a Páscoa com os meus discípulos? E ele vos mostrará um espaçoso cenáculo mobilado e pronto; ali fazei os preparativos. Saíram, pois, os discípulos, foram à cidade e, achando tudo como Jesus lhes tinha dito, prepararam a Páscoa.

Assim como na ocasião em que Jesus providenciou o jumento para nele montar ao entrar em Jerusalém, no começo dessa última semana de vida dEle, Ele também providenciou de antemão tudo para a última ceia com os apóstolos. Os apóstolos queria saber onde deveriam fazer esses preparativos. Jesus disse: “Entrem na cidade e vocês encontrarão ali um homem carregando um cântaro de água. Sigam-no”. Um homem carregando um cântaro de água não era uma cena comum, pois essa era uma tarefa feminina. Um homem carregando um cântaro de água deveria se destacar dentre toda a multidão.

Esse sinal pré-arranjado seria facilmente identificado pelos apóstolos. Eles entraram na cidade e encontraram o homem carregando o cântaro. Seguiram-no até a casa dele. Ele mostrou o cenáculo a eles e ali foram feitos os preparativos para a Páscoa.

Marcos continua seu registro dizendo o que aconteceu naquela última ceia. Diz ele:

Ao cair da tarde, foi com os doze. Quando estavam à mesa e comiam, disse Jesus: Em verdade vos digo que um dentre vós, o que come comigo, me trairá. E eles começaram a entristecer-se e a dizer-lhe, um após outro: Porventura, sou eu? Respondeu-lhes: É um dos doze, o que mete comigo a mão no prato. Pois o Filho do Homem vai, como está escrito a seu respeito; mas ai daquele por intermédio de quem o Filho do Homem está sendo traído! Melhor lhe fora não haver nascido! (vv. 17-21).

Quando Jesus disse aos apóstolos: “É um de vocês o que irá me trair”, nenhum deles apontou um dedo acusador para outro elemento do grupo naquela noite. Em vez disso, cada um deles olhou introspectivamente para dentro do seu próprio coração e perguntou: “Porventura, sou eu?” Cada um deles admitiu aquele sentimento que todos nós temos, às vezes, de que existe algo de mau dentro de nós, algo que pode aflorar em algum momento e nos fazer cometer um ato horrível, algo que sabemos que temos a capacidade de fazer se as circunstâncias forem simplesmente convenientes. Era esse tipo de auto-desconfiança que estava na mente de cada um dos apóstolos enquanto, um a um, viravam-se para Jesus e perguntavam: “Jesus, sou eu?”

A resposta de Jesus foi esta: “É o que mete comigo a mão no prato”. Jesus estava dizendo duas verdades a Judas. A primeira é que Ele estava fazendo Seu último apelo de amor. Ele estava dizendo: “Judas, eu sei o que você está fazendo. Você não vai parar, ainda que seja a esta altura?” A segunda verdade é que Jesus estava fazendo uma advertência. Pela última vez, ele estava advertindo Judas sobre as consequências decorrentes daquele ato que planejava realizar em seu coração.

Jesus, porém, não compeliu Judas. Não há dúvida de que Jesus, por qualquer um dos Seus infinitos meios, poderia ter impedido obrigatoriamente Judas a levar avante os seus planos, mas Jesus respeitou a vontade de Judas. Ele não o obrigaria a fazer o que era contra seu desejo humano. Jesus lida conosco da mesma

maneira. Nosso Deus nos deu vontades que são livres; Seu amor apela por nós; Sua verdade nos adverte. Mas não há compulsão e, no final, seremos os únicos responsáveis pelos nossos pecados.

João nos conta que pouco depois desse acontecimento Jesus disse a Judas em particular: “O que pretendes fazer, faze-o depressa” (João 13:27b). Mas antes que Judas saísse da companhia de Jesus, Este disse aos discípulos: “Pois o Filho do Homem vai, como está escrito a seu respeito”. Os profetas do Antigo Testamento haviam predito que Jesus seria traído por um dos Seus. Jesus estava dizendo: “Essa profecia está sendo cumprida agora”. Ele acrescentou: “Mas ai daquele por intermédio de quem o Filho do Homem está sendo traído!” Ele não disse ai dele porque ele não poderia evitar isso. Judas poderia ter evitado. A escolha era unicamente dele. Ai dele porque ele fez essa escolha.

As próximas palavras de Jesus são as mais solenes que já saíram de Seus lábios. “Melhor lhe fora não haver nascido”. Essas palavras são as mais temíveis que já saíram dos lábios de Jesus. Deus diria isso sobre você ou sobre mim?

A última cena vem agora. Marcos diz:

E, enquanto comiam, tomou Jesus um pão e, abençoando-o, o partiu e lhes deu, dizendo: Tomai, isto é o meu corpo. A seguir, tomou Jesus um cálice e, tendo dado graças, o deu aos seus discípulos; e todos beberam dele. Então, lhes disse: Isto é o meu sangue, o sangue da [nova] aliança, derramado em favor de muitos. Em verdade vos digo que jamais beberei do fruto da videira, até àquele dia em que o hei de beber, novo, no reino de Deus. Tendo cantado um hino, saíram para o monte das Oliveiras (vv. 22–26).

Assim como um amigo que vai embora coloca em nossas mãos uma pequena lembrancinha e fica feliz em pensar que quando olharmos para aquela lembrancinha nos lembraremos dele, Jesus deu um jantar simples através do qual os discípulos deveriam se lembrar dEle. A refeição de Páscoa que eles estavam observando consistia de um cordeiro de um ano de idade e sem defeito, ervas amargas, pão sem fermento e o fruto da videira. Jesus pegou dois elementos simples dessa ceia — o pão sem fermento e o fruto da videira — e deu-lhes um significado espiritual profundo. Ele pegou o pão, partiu-o e disse: “Tomai, este é o meu corpo”. Depois Ele pegou o fruto da videira e disse: “Este é o meu sangue, o sangue da aliança, derramado em favor de muitos”. Jesus fez os

discípulos se lembrarem de que aquele era, de fato, o fim e que Ele não beberia daquele fruto da videira novamente até que o bebesse novo no reino de Deus, a igreja. Dessa maneira simples, Jesus instituiu o memorial que viemos a chamar de Ceia do Senhor. Toda vez que a igreja se reúne para partir a Ceia do Senhor, Jesus está presente conosco. Quanto partimos o pão e bebemos o cálice em memória do Seu corpo e do Seu sangue, Ele está presente. Através dessa corrente de elos semanais, a observância da Ceia do Senhor feita pelos cristãos une a primeira e a segunda vinda do Senhor.

Anos depois, o apóstolo Paulo refletiu recordando essa noite especial na vida de Jesus e escreveu aos coríntios:

Porque eu recebi do Senhor o que também vos entreguei: que o Senhor Jesus, na noite em que foi traído, tomou o pão; e, tendo dado graças, o partiu e disse: Isto é o meu corpo, que é dado por vós; fazei isto em memória de mim. Por semelhante modo, depois de haver ceado, tomou também o cálice, dizendo: Este cálice é a nova aliança no meu sangue; fazei isto, todas as vezes que o beberdes, em memória de mim. Porque, todas as vezes que comerdes este pão e beberdes o cálice, anunciais a morte do Senhor, até que ele venha (1 Coríntios 11:23–26).

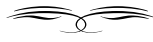
Os cristãos ao redor do mundo continuarão semanalmente partindo o pão e bebendo o cálice até que o Senhor venha novamente. Nesta simples ceia do Senhor nós proclamamos a todos os que a testemunham que o Senhor voltará novamente e que nós somos o Seu povo, redimido dos pecados pelo Seu sangue, o qual ratificou a nova aliança, o novo acordo da nossa nova relação com Deus.

CONCLUSÃO

Jesus e Seu amor são a base em cima da qual reside tudo na religião cristã. Nenhum homem amou mais do que Jesus, nenhum homem foi mais odiado do que Ele. Se a resposta de homens e mulheres a Ele vai ser de amor ou ódio, isto depende do que estiver nos seus corações. O mesmo se aplica a você e a mim hoje. Se o amor de Jesus desperta um acorde responsivo no seu coração, você vai querer servir a Jesus por toda a sua vida. Se você precisa vir até Jesus para ser batizado nEle, estamos prontos para ajudá-lo a fazer isso. Se você precisa vir como um cristão pedindo orações, estamos ansiosos por orar em seu favor. Venha agora. †

Pensamentos que Estimulam

Fred Jewell



Bondade

“Deus é misericordioso aos que são bons.”
Provérbio Marroquino

“Não é a inteligência, a fama nem o amor que mostram a grandeza da alma. Só a bondade pode fazer isto.”
Jean Baptiste Henri Lacordaire

“Faça disto uma regra e rogue a Deus que o ajude a cumpri-la: se possível, nunca se deitar à noite sem dizer: ‘Hoje ajudei um ser humano a ser mais sábio, ou um pouco mais feliz ou pelo menos um pouco melhor.’”
Charles Kingsley

“A força total da bondade de um homem só pode ser sentida por quem cometeu uma ofensa contra ele.”
Harry E. Fosdick,
A Humanidade do Mestre

“Melhor fazer uma bondade para alguém em casa, do que andar milhares de quilômetros para acender um incenso.”
The Defender

“Papai e mamãe são bons, mas Deus é melhor.”
Provérbio Dinamarquês

“A igreja primitiva liberou uma torrente de bondade num mundo de rivalidade racial; a igreja moderna muitas vezes tem liberado uma torrente de resoluções.”
Editorial do *Christianity Today*

“Através de uma língua doce e bondosa consegue-se arrastar um elefante por um fio de cabelo.”
Provérbio Persa

“O leite da bondade humana é menos propenso a azedar se o recipiente que o comportar for firme, frio, exclusivo e se for, às vezes, aberto.”
George Santayana
Character and Opinion in the U.S.

“A caridade olha para a necessidade e não para a causa.”
Provérbio Alemão